

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE VYGOTSKY PARA A EDUCAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA AFETIVA

Antônia Nádila Angelo de Sousa ¹
Tais Alves de Oliveira ²
Israel Rocha Brandão ³

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca discorrer sobre as contribuições acerca do pensamento de Lev Vygotsky na educação, enfatizando a importância da afetividade nas relações sociais em sala de aula.

Vygotsky foi um psicólogo bielorrusso que realizou pesquisas voltadas ao desenvolvimento da aprendizagem, apresentando conceitos pertinentes ao processo de construção do pensamento sócio construtivista, para o qual a aprendizagem significativa é aquela que ocorre através da interação entre sujeito, objetos e com outros sujeitos.

Tendo em vista fatores que envolvem a afetividade como precursora do desenvolvimento cognitivo e transformadora das práticas docentes, ela também pode ser entendida como a capacidade de experimentar fenômenos afetivos, entre os quais tendências, ações, paixões ou sentimentos, sendo o sujeito capaz de afetar e ser afetado.

Assim é que este estudo objetiva demonstrar a co-relação entre aluno e professor, estabelecendo pontes da afetividade no campo educacional, de modo a realizar algumas indagações sobre a temática investigada

Em um primeiro momento apresentamos a teoria de Vygotsky que possibilita entender a educação desde a formação do sujeito, como também a refletir sobre as posturas adotadas pelo educador durante o seu convívio na escola. Do mesmo modo procura-se discorrer sobre a educação inclusiva e a relevância do desenho na expressão de sentimentos para as crianças, enfatizando a crítica do autor sobre a educação tradicional e sua inovadora compreensão do professor como mediador na construção do saber.

No segundo momento destacamos a afetividade como motivadora da aprendizagem no campo educacional partindo da relevância das práticas pedagógicas, como também o papel do brincar na formação da criança.

A partir dos resultados evidenciamos uma mudança necessária na educação superando o tradicionalismo e focando na aprendizagem do aluno, de modo que o desenvolvimento do pensamento não parta exclusivamente do individual para o social, mas também do social para o individual, considerando-se as relações construídas por meio das interações afetivas.

1Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE), nadilaraimunda@gmail.com;

2 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE), taisoliveiraa06@gmail.com

3 Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Professor do Curso de Pedagogia e do Mestrado Profissional em Saúde da Família da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE), israel.rocha.brandao@gmail.com

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, tipo de investigação científica que, segundo Joaquim Severino (2007), toma os textos como as fontes principais dos temas a ser pesquisados e trabalhados, a partir das contribuições de renomados autores. Assim é que com o devido embasamento teórico acerca das teorias construtivistas de Vygotsky buscou-se compreender os processos envolvendo a aprendizagem das crianças no seu desenvolvimento sócio-histórico.

DESENVOLVIMENTO

Vygotsky nos traz uma de suas principais teorias relacionadas à aprendizagem do sujeito, que nos permite compreender o desenvolvimento humano na sociedade, uma vez que o autor parte das interações como meio de se apropriar e modificar do mundo exterior estabelecendo uma relação de interdependência.

Para o psicólogo bielorruso as crianças não nascem com as características humanas prontas, mas estas se manifestam através do contato com o ambiente. Sendo, pois, detentoras das funções psicológicas, as crianças são consideradas como seres dependentes dos adultos, já que somente com a cultura os valores sociais seriam agregados e o conhecimento transmitido, caracterizando os sujeitos como conscientes deste processo.

Conforme Osmar Fávero (1983), a cultura é o processo histórico de natureza dialética em que o homem estabelece uma relação ativa de conhecimento e ação com o mundo e através da qual ambos se transformam, construindo um mundo qualitativamente novo de significações, valores e obras humanas.

A partir das interações o conhecimento é construído e compartilhado pelo grupo. Nesta perspectiva o professor deve estar no centro da mediação não apenas como transmissor do saber, mas como conhecedor dos seus alunos, de modo a promover as ações que desenvolvam intelectualmente o pensamento com base nas experiências adquiridas.

Assim é que Vygotsky faz uma crítica à educação tradicional cujo objetivo principal seria lançar conteúdos sem a possibilidade de questionamentos, de sorte que a presença de regras e a extrema disciplina impossibilitam a interação dos alunos com os demais, como também a construção da autonomia destes sujeitos:

Utilizando-se assim de um ensino tradicional visando regras, disciplinas e que o melhor aluno é aquele que fica em silêncio, no seu lugar, responde conforme solicitado e demonstra ter aprendido através de provas. (COELHO & PISONI, 2012, p. 150).

O autor traz concepções voltadas para a uma educação inclusiva e acessível para todos, partindo do princípio de que as crianças com algum tipo de deficiência, quando se envolvem com as demais, aprendem e se desenvolvem adequadamente. Infelizmente, muitas instituições escolares ainda isolam as crianças deficientes em espaços onde elas não podem interagir, o que as estimula a se tornarem pessoas passivas.

De outro modo torna-se necessário uma visão de que todos têm a capacidade de aprender, podendo cada um alcançar o conhecimento de formas diferentes:

Na educação especial, o importante é conhecer como o aluno se desenvolve (...) como ele interage com o mundo; como organiza seus sistemas de compensação; as trocas; as mediações que auxiliam sua aprendizagem; a participação ou exclusão da vida social. (MONTEIRO, 1998)

Depreende-se disso que o papel da escola é fundamental na construção social. Entretanto, o fato de apenas frequentar a escola não significa que a criança efetivamente aprendeu, mesmo ao dominar certos conteúdos, pois é essencial o envolvimento dos discentes em práticas pedagógicas que valorizem o seu desenvolvimento potencial e a Zona de Desenvolvimento Proximal.

Segundo Vygotsky no que se refere ao processo de aprendizagem a criança no início tem o auxílio de um adulto para a realização de tarefas e, assim, com o decorrer do tempo, vai se apropriando do conhecimento e adquirindo autonomia em suas ações.

Neste sentido o desenho desempenha funções importantes na formação da criança, uma vez que é relevante na atribuição de significados, sendo que esta fase antecede à escrita, posto que colabora para a coordenação motora, servindo como um canal de comunicação e expressão.

A partir do momento que a criança nomeia o desenho, relacionando-o com os objetos em questão, este adquire uma representação simbólica e torna-se significativo, assim como o ato de brincar e as brincadeiras lúdicas, que promovem a imaginação e o desenvolvimento cognitivo:

O brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem. (VIGOTSKY, 1998)

Os estudos de Vygotsky demonstram ainda a preocupação com a busca de uma educação transformadora, que promova o respeito às diferenças, sem as padronizações estipuladas por um sistema de ensino, que oprime a autonomia dos educandos. Assim é que defende uma educação que coloque o aluno no centro do saber, sendo necessário que a prática da afetividade nas escolas não se limite apenas à expressões de cordialidade e expressões de afetos e carinhos, mas que impulsiona a construção da autoestima e da sensibilidade.

O professor, ao criar vínculos afetivos, proporciona um ambiente acolhedor. Em contrapartida uma escola pautada na disciplina excessiva ocasiona desgastes e desinteresse em suas práticas pedagógicas. Por isso Vygotsky afirma que é necessário que o professor não faça apenas com que o aluno aprenda e assimile o conteúdo, mas que, além de tudo, seja capaz de sentir o conteúdo, relacionando-o as emoções, caso contrário o saber torna-se perdido ou insuficiente. Significa dizer que a emoção é vista como uma reação e, se não há emoção, conseqüentemente não haverá reação:

Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco desloca-se para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais. As relações entre os professores e alunos apresentados nesta pesquisa, evidenciaram a expressão da afetividade como parte ativa do processo de aprendizagem. As interações em sala de aula são carregadas de sentimentos e emoções constituindo-se como trocas afetivas. (TASSONI, 2000, p. 150).

Como podemos perceber, a afetividade é gerada a partir das vivências intersubjetivas e está em constante construção. Assim sendo, este conceito não está relacionado somente a contatos físicos, que são fundamentais no processo, mas a uma compreensão bem mais ampla, uma vez que abrange o ato de afetar o outro por meio de questões relacionadas ao comportamento, valores e sentimentos, que podem ser presenciados na fase da aprendizagem.

O modo como o professor desenvolve seus conteúdos produzirá impactos que podem ser negativos ou positivos na relação professor-aluno-objeto. Assim é que compreendemos a complexidade do termo afetividade desenvolvida pelo indivíduo principalmente por meio da cultura, através da qual os sujeitos podem se tornar seres sócio-históricos.

Conforme Vygotsky o indivíduo, ao tornar-se ativo nos processos de interação, passa a constituir um sujeito interativo, destacando a emoção como algo individual, que perpassa para um plano de função superior e que se dá através da cultura, pois para ele: “as emoções isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e se deslocam para um plano totalmente novo”. (VYGOTSKY, 1998)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se considerarmos que Vygotsky viveu em uma época totalitária, marcada pelo Stalinismo, e suas obras foram proibidas por serem contrárias aos interesses do governo, compreendemos porque seus estudos englobam temas que trouxeram grandes contribuições para a psicologia da educação e porque discordou das teorias subjetivistas e objetivistas que dominavam o seu tempo, sendo que as primeiras afirmavam que o comportamento do sujeito não seria determinado pela sociedade e as segundas defendiam justamente o contrário.

Depreendemos que a principal teoria de Vygotsky está centrada no homem como ser sócio-histórico, assim como busca compreender a linguagem na criança, do ponto de vista da psicologia, como um meio de comunicação, através do uso de signos, na transmissão de desejos e sentimentos, expressando o pensamento da criança durante as suas interações.

Relacionamos a afetividade à educação, pois os afetos são de extrema relevância nas atividades em sala de aula, visto que condicionam o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva da criança em diversos aspectos, já que a afetividade move as ações humanas e sem as influências das disposições afetivas não há interesse e nem aprendizagem.

Assim sendo, para a formação pedagógica é necessário conhecer as teorias e os conceitos dos principais teóricos para estimular o aprendizado, utilizando metodologias que frise uma afetividade positiva para estimular a educação. Por este motivo é que “a psicologia histórica cultural contribui para repensar a prática docente, a partir de uma concepção de desenvolvimento humano construído nas e pelas relações sociais”. (EMILIANO & TOMÁS, 2015, p 66.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos aspectos observados podemos concluir que o professor colabora sensivelmente no desenvolvimento do aluno quando este significa suas práticas com afetos. Compreende-se que a qualidade dos processos cognitivos na aprendizagem ocorre também em função das interações realizadas na sala de aula. Diante disso é essencial ouvir as crianças, valorizando seus conhecimentos prévios advindos das etapas anteriores à escolarização.

Do mesmo modo, podemos considerar a afetividade como fator determinante para o sucesso escolar, sendo importante tanto na construção da autoestima, como também nas atividades solidárias e de colaboração, que estimulam o doar-se ao outro na solução dos conflitos, como ampla dimensão do psiquismo humano.

Diante disso, o professor deve procurar estabelecer o diálogo como método educacional, apelando menos para o uso de aulas expositivas que estimulam mecanicamente a memorização de conteúdos.

É imprescindível uma aprendizagem voltada para o lúdico, em que o sujeito torne-se protagonista e se considere os estágios de desenvolvimento como meios de intervir no mundo.

Palavras-chave: Aprendizagem. Interação. Afetividade.

REFERÊNCIAS

CARLOS, João. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo.** Série Idéias n. 28. São Paulo: FDE, 1997.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. **Vygotsky: sua teoria e influência na educação.** Rev. E-Ped- FACOS/ CNEC, Osório/RS, v. 2, n. 1, p. 150-151, ago. 2012.

FÁVERO, O. (Org.). **Cultura popular, educação popular: memória dos anos 60.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

MEIRA, M. E. M. **A teoria de Vigotski: conceitos e implicações para a Educação.**

MONTEIRO, Mariangela da Silva. A educação especial na perspectiva de Vygotsky. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Vygotsky: um século depois.** Juiz de Fora: EDUFJF, 1998. p. 73-84.

MONTEIRO, Joyce, NOGUEIRA, Débora. **Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro, 2 (1): 59-72, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23^a ed. São Paulo: Cortez, 2007

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem.** 2.ed. Martins Fontes, 2004

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2[1]: 59-72, 2015.

VIGOTSKI, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1998.